

Falta de Unidade de Comando: o Elemento Decisivo!

Tenente-Coronel Carl Grunow, Exército dos EUA, Reformado

Unidade de Comando: para cada objetivo, garantir a unidade dos esforços sob um comandante responsável.

—Manual de Campanha FM 3-0, Operações

MUITAS PESSOAS PENSAM que a unidade de comando, um dos nove princípios de guerra, é uma forma incontestável de conduzir as operações militares. A necessidade de “unidade dos esforços sob um comandante responsável” não é só desejável, mas também imprescindível. Vistas nesse contexto, as operações que estão sendo realizadas no Iraque e no Afeganistão têm uma falha grave e talvez fatal. No Iraque, os comandantes americanos precisam tolerar a ineficiência do comando compartilhado com as forças de segurança do Iraque. No Afeganistão, a falta de unidade de comando limita tanto a Otan que há sérias dúvidas quanto à possibilidade de sucesso.

Contudo, seria equivocado tratar qualquer princípio de guerra, inclusive a unidade de comando, como um fim em si. O verdadeiro objetivo de qualquer operação militar é obter a vitória, qualquer que seja sua definição. A verdadeira dimensão de um princípio de um valor de guerra é sua contribuição para esse objetivo. O Manual de Campanha FM 3-0, *Operations* (Operações) lembra que os princípios de guerra “não são uma lista de conferência”, mas sim “ferramentas poderosas de análise” para os profissionais militares.

Por isso, quem se dispõe a fazer críticas não deve apenas dizer que um princípio de guerra não está sendo aplicado; deve-se ir além e mostrar como isso contribui para uma vitória ou a prejudica.

O problema fica mais claro quando se pensa em como duas orientações supostamente “sagradas” podem na verdade funcionar em tensão. Um anexo do Manual de Campanha FM 3-0 destaca os nove princípios de guerra e acrescenta três orientações da doutrina combinada chamadas “princípios combinados de operações”. Um deles é a legitimidade. O trecho abaixo mostra como esse princípio pode estar em conflito com a unidade de comando.

Legitimidade

Criar e manter a disposição necessária para se alcançar a situação final estratégica nacional... A campanha ou operação deve criar ou fortalecer a autoridade e a aceitação do governo do país anfitrião tanto pela comunidade governada quanto pela comunidade internacional. Esse último fator é geralmente o elemento decisivo.

—Manual de Campanha FM 3-0, Operações

Para obter legitimidade, o governo do país anfitrião precisa ter uma autoridade real e assumir responsabilidades significativas. Assim, um comandante militar que acumula responsabilidades e autoridade a pretexto de preservar a unidade de comando comprometerá sem dúvida o elemento decisivo da legitimidade.

O tenente-coronel Carl Grunow, do Exército dos Estados Unidos, reformado, foi assessor sênior de brigada da 2ª Brigada da 9ª Divisão do Exército iraquiano, de julho de 2005 a junho de 2006. Seus outros serviços no Oriente Médio incluem assessor de treinamento da Guarda Nacional da Arábia Saudita (2000-2001) e oficial administrativo do 1º Batalhão/32º Regimento de Infantaria, da 10ª Divisão de Montanha, quando serviu na Força Multinacional e Missão de Observadores no Sinai, Egito (1999-2000). Foi

professor de Política dos EUA na Academia Militar dos Estados Unidos (1994-1997) e serviu como oficial de ligação para a Câmara dos Deputados (2006-2007) no Gabinete de Ligação com o Congresso (Office of Chief of Legislative Liaison — OCLL). É formado pela Academia Militar dos Estados Unidos e tem mestrado pela Cornell University. Seu artigo “Advising Iraqis: Building the New Iraqi Army” foi publicado na edição em inglês da Military Review (julho-agosto de 2006).



Cortesia do autor

Coronel Jemal, comandante da 2ª Brigada Blindada/ 9ª Divisão Iraquiana, com seu parceiro de comando de unidade, tenente-coronel Dave Thompson, 7º Regimento de Cavalaria.

Esse conflito de princípios torna-se mais claro no ambiente das operações de estabilidade. O Manual de Campanha *FM 3-0* afirma que um dos objetivos doutrinários das operações de estabilidade é “obter apoio para o governo anfitrião”. Isso inclui encontrar formas de aumentar a credibilidade das forças de segurança locais. Os comandantes nativos que sejam vistos como marionetes ou servos dos senhores americanos não contribuem para isso. Comandantes que foram desdobrados, desde o nível estratégico até o nível tático, devem se lembrar disso ao decidirem como vão dividir sua autoridade com os parceiros dos países anfitriões. A Operação *Iraqi Freedom* ilustra a postura de promover a legitimidade por meio da divisão do comando. Mais especificamente, à medida que as operações de estabilidade passam, cada vez mais, a dominar a Operação *Iraqi Freedom*, os esforços para defender a legitimidade das forças de segurança do Iraque por meio de esquemas de compartilhamento do poder tornam-se cada vez mais importantes.

Quando os historiadores contarem a história da Operação *Iraqi Freedom*, é bem provável que a considerem como uma das poucas operações de contrainsurgência bem-sucedidas orquestradas por um poder externo. No entanto, já está claro que a sua aparente vitória exigiu

várias mudanças fundamentais de raciocínio por parte dos responsáveis.

A mudança decisiva ocorreu no início de 2005, quando o general George Casey, então comandante da Força Multinacional no Iraque, reconheceu que o foco nas operações lideradas pelos Estados Unidos não estava dando certo. O sucesso militar dos Estados Unidos e até o progresso americano na reconstrução da infraestrutura e na economia não pareciam ter inibido o inimigo. Ao instruir novos membros da equipe de transição no primeiro semestre de 2005, o general Casey garantiu ao seu público que os americanos não iriam ganhar essa guerra. Os próprios iraquianos teriam de fazer isso, ele disse, e provavelmente muito depois do fim da presença americana. Afirmou que a missão de assessoria era essencial para o esforço principal, que era colocar os iraquianos em posição de liderança. Casey não foi capaz de implementar essa visão imediatamente; a resistência a essa mudança fundamental foi muito grande. No entanto, depois que fez a correção do rumo, foi necessário ter perseverança para garantir a vitória.

Na área de operações da Divisão Multinacional de Bagdá, a virada verdadeira para o sucesso aconteceu em janeiro de 2006, com a transferência de autoridade da Operação *Iraqi Freedom III*

para a IV. Foi aí que o principal esforço de colocar os iraquianos na liderança tornou-se uma realidade tanto no discurso quanto na prática. Em Camp Taji, essa mudança ficou evidente na diferença marcante entre a visão e as ações dos líderes de batalhão e de brigada que assumiam e deixavam seus postos.

O comandante da brigada que deixava o cargo havia liderado e supervisionado uma operação americana que tratava as forças iraquianas como mais uma unidade subordinada. Manteve a unidade de comando administrando e aprovando as operações iraquianas na sua área de responsabilidade e ao mesmo tempo enfatizando seu papel como único comandante responsável. Quando um novo batalhão de infantaria iraquiano pediu permissão para iniciar operações, ele disse que “se queremos que unidades iraquianas atuem no nosso campo de batalha, é melhor que estejam prontas”. Um general-de-brigada iraquiano chegou a Taji para assumir o comando da nova divisão mecanizada, mas isso não teve efeito algum na reivindicação firme do comandante da brigada americana por um comando unificado. Mesmo em assuntos relativamente menos importantes, ele decidiu deixar sua autoridade suprema bastante clara.

...um comandante militar que acumula responsabilidades e autoridade a pretexto de preservar a unidade de comando comprometerá sem dúvida o elemento decisivo da legitimidade.

Uma vez o general iraquiano pediu para usar uma companhia que estava livre para participar de uma cerimônia em comemoração a uma grande doação da Otan. O comandante da brigada não deu sua autorização. Depois disso, o comandante da divisão iraquiana teve dificuldades para dar qualquer tipo de orientação às suas unidades, porque tinham sempre de “confirmar com os

americanos” para saber qual seria a decisão final. Durante esse período, ficou bastante claro que Camp Taji estava sob as ordens de um americano.

Essa abordagem em relação à missão é compreensível e mesmo louvável quando se valoriza a unidade de comando. O fato de que era contraproducente quanto a um objetivo maior não era necessariamente óbvio no nível tático. O comandante da brigada estava aplicando os princípios de guerra com vigor, e seus batalhões realizavam operações militares com bastante eficiência. Ele não esperava muito dos seus irmãos de armas iraquianos, e o desempenho deles estava de acordo com as suas expectativas, tornando menos interessante gastar tempo e recursos para desenvolver uma capacidade iraquiana. Quando a nova brigada blindada iraquiana exigiu mais assessores americanos, o comandante americano recusou-se a fornecê-los. Isso resultou em um crescimento mais lento da unidade iraquiana. Entretanto, manteve os soldados americanos sob comandantes americanos, situação em que trabalhavam de forma mais eficiente.

A transferência da autoridade para um novo comandante de brigada, em janeiro de 2006, mudou a situação drasticamente. Uma nova atitude pôde ser vista em todos os níveis de liderança, concentrando-se mais em fortalecer a cadeia de comando iraquiana e em reforçar sua autoridade de comando. O primeiro sinal dessa mudança veio quando o novo comandante do regimento de cavalaria chegou a Taji para consultar-se com os assessores da nova brigada blindada iraquiana. Sua mensagem foi de apoio forte e eficaz à equipe de assessoria. Essa não foi uma oferta hesitante, tingida por dúvidas quanto à forma como iria afetar as operações americanas. Esse comandante de regimento estava pronto para fornecer 80 soldados qualificados para triplicar o tamanho das equipes de assessoria. Com a infusão desse novo e precioso recurso, a brigada iraquiana entrou em uma nova fase de crescimento rápido.

No entanto, mais importante que os recursos humanos era o respeito explícito e significativo do comandante da nova brigada frente aos líderes iraquianos. Quando o comandante da brigada visitava o lado iraquiano da base, era

na qualidade de um oficial americano que se consultava com o comandante da divisão iraquiana, e não como um coronel americano a dar ordens a um general iraquiano. Suas reuniões com o general iraquiano eram frequentes e

Ele não esperava muito dos seus irmãos de armas iraquianos, e o desempenho deles estava de acordo com as suas expectativas...

consistiam em uma troca de informações úteis destinada a aumentar a colaboração entre comandantes de igual estatura. Ficou claro que havia dois centros de poder com credibilidade em Camp Taji.

Um dos primeiros grandes testes da nova cultura de colocar os iraquianos na liderança ocorreu em fevereiro de 2006, quando terroristas bombardearam a Mesquita Dourada de Samarra. Os cidadãos do Iraque tinham acabado de eleger um novo parlamento em dezembro, e o novo governo ainda nem tinha sido formado. A única brigada blindada no Iraque tinha menos de 50% dos seus oficiais e estava em vias de concluir um exercício de treinamento de tiros limitado, mas o novo governo queria desdobrar sua brigada incompleta para Bagdá para diminuir a violência que estava ficando fora do controle na região. No início, os assessores e

comandantes americanos não gostaram da ideia do desdobramento, preferindo, em vez disso, enviar uma unidade mais experiente. Entretanto, quando o comandante da divisão iraquiana escolheu, com seu novo governo, a brigada blindada para a missão, a cadeia de comando americana aceitou essa decisão. A brigada teve um ótimo desempenho, os carros de combate iraquianos foram enfeitados com bandeiras do Iraque e logo se tornaram um símbolo de esperança para os que estavam na capital, e os líderes iraquianos ficaram orgulhosos, e com razão, por terem assumido um papel de liderança na crise.

A experiência em Camp Taji contém lições importantes sobre como conseguir a vitória quando a legitimidade do país anfitrião e das suas forças de segurança é algo importante. Nessas situações, quem realiza a missão é mais importante que a execução da missão em si. A missão do Exército é ceder a autoridade e a responsabilidade às forças de segurança locais que estão recebendo seu apoio. Compartilhar o poder de forma eficaz permite que as forças nativas cresçam porque as protege de um fracasso catastrófico. Em contrapartida, uma força externa que intervenha, mas insista na autoridade suprema, prejudica a legitimidade. Por isso, para o sucesso da missão nas operações de estabilidade, é preciso que se desvalorize a unidade de comando.

Comandantes sábios há muito reconhecem a necessidade de adaptar seus meios aos seus fins. A Operação *Iraqi Freedom* está tendo sucesso, em grande parte, porque os nossos pensadores estratégicos fizeram uma correção de rumo fundamental para aumentar a legitimidade em detrimento da eficiência. Essa não foi uma escolha fácil. Exigiu comprometer um princípio de guerra muito antigo.

O combate de alta intensidade do século XX exigiu que se colocasse uma ênfase especial na eficiência resultante da unidade dos esforços sob um único comandante responsável. Os conflitos futuros não se beneficiarão de uma ênfase indiscriminada na unidade de comando. Em vez disso, os comandantes devem manter a mente aberta para aceitar a confusão que resulta da falta de unidade de comando porque nossa principal missão é vencer as guerras da nossa nação. **MR**



O general Buchar, comandante da 9ª Divisão Mecanizada do Exército iraquiano, conversa com repórteres no polígono de tiro de carros de combate de Bessmaya, em fevereiro de 2006.

Cortesia do autor